



Ensino rural: aulas no campo de manhã e escolarização formal à tarde

Escola rural adapta curso à realidade de seus alunos

A despeito das realidades e necessidades diferentes de seus alunos, as escolas rurais, oficialmente, têm seguido os currículos semelhantes aos apresentados em unidades urbanas. A Fundação Educaconal acredita que a escola da zona rural tenha de oferecer ao aluno, de qualquer forma, disciplinas básicas, porém, alega que sempre deu autonomia à seus professores para que adaptações necessárias fossem feitas em função de determinadas comunidades. Ao todo, existem hoje no DF 95 escolas rurais, que atendem de 15 a 16 mil estudantes.

Querendo se antecipar à iniciativa do educador de adaptar os currículos tradicionais para os alunos da zona rural, a FEDF já analisa um projeto que prevê o tratamento diferenciado entre estudantes de unidades urbanas e rurais. A idéia principal é conscientizar a criança sobre a importância do homem no campo e a necessidade de se preservar a natureza. De acordo com a diretora-executiva da Fundação, Malva Queiroz, existe a intenção de se reforçar o fator da escola rural ser um pólo de encontro das comunidades.

A professora responsável pela Escola Clase Olhos D'Água, próxima de Sobradinho, Tânia Vasconcelos, diz que a medida da FEDF, de querer dar um tratamento diferenciado ao estudante da zona rural, será bastante positiva. "Hoje o rural da escola só está no nome", explica. Na tentativa de se quebrar a formalidade do currículo básico, por exemplo, ela conta que os alunos da Olhos D'Água estão organizando uma

pequena horta. "Muitas vezes até ensinando o professor", destaca.

Na realidade, o contato com a terra faz parte da rotina do aluno da zona rural. Wellington Espinelli, de 15 anos, por exemplo, que cursa o terceiro ano do Ciclo Básico de Alfabetização, ainda sente dificuldades para escrever o nome, no entanto, a terra e as plantações não têm mistérios para ele. Estudando durante a tarde, o adolescente reserva suas manhãs para trabalhar com o pai na lavoura de milho. Essa é a rotina da maioria de seus colegas de sala de aula, um dia-a-dia comum inclusive para as meninas.

Segundo Tânia Vasconcelos, que está há três anos trabalhando em zonas rurais, a pobreza sempre costuma ser grande nessas áreas, os alunos são subnutridos e chegam na escola com fome. "Essa nossa escola é até privilegiada. Ela foi completamente reconstruída há cerca de três semanas, é próxima da área urbana, mas ainda não tem água", conta. Atualmente, a Escola Olhos D'Água atende 96 estudantes em dois turnos, das 8h às 12h e de 12h às 16h. São turmas de CBA (Ciclo Básico de Alfabetização) e de 3^a e 4^a séries.

A maior dificuldade de se trabalhar em áreas rurais, na opinião de Tânia, é principalmente, a falta de preparo: "Alguns profissionais concursados vão direto para essas áreas sem qualquer experiência". Além disso, a distância pode se tornar um grande inimigo do ideal de educar.